

## PREFÁCIO\*

Samba,  
Agoniza mas não morre  
Alguém sempre te socorre  
Antes do suspiro derradeiro.

---

*Agoniza, mas não morre. Nelson Sargento*

A esperança é como o samba, agoniza, mas não morre. Ela sempre socorre a gente com um sopro que renova os sentidos, aponta o horizonte e recupera as forças para a continuação da caminhada. A esperança é artigo de primeira necessidade nestes tempos em que vivemos. Não somente porque sem ela a vida é mais difícil – e a Dificuldade tem se empenhado em seus propósitos! – mas porque a esperança é condição fundamental para a projeção de futuro!

A História, apesar do epíteto que alardeia tratar-se do “estudo do passado”, é disciplina voltada para o futuro. Pelo menos, assim é a História Escolar! Ela está comprometida com a formação de crianças, adolescentes e adultos – logo, se volta para o futuro. Não mais com o sentido assumido durante séculos, segundo o qual o passado conformava um manancial de exemplos sobre como se deve agir. Mas, porque oferece aprendizagens necessárias à inserção em um mundo solidário, comprometido, empático e crítico. A História Escolar, inserida na Educação Básica, compartilha dos objetivos da Escola e dessa etapa da formação. Ela participa do “pleno desenvolvimento da pessoa”, da “formação para a cidadania” e da “preparação para o mundo do trabalho”.

A História Escolar ensina a ler. Ela não ensina, apenas, a ler textos em prosa discursiva. Ela ensina a decifrar diferentes linguagens. O saber histórico é apreendido por meio do acionamento de um sem número de *textos* cuja leitura é ensinada, também, nas aulas de história. Tabelas, mapas, gráficos, pinturas, fotografias, registros civis (como certidões de nascimento, casamento e morte),

---

\* DOI - 10.29388/978-65-81417-37-6-0-f.15-20

matérias jornalísticas, romances, canções etc. são acionados como fontes da pesquisa histórica e como testemunhos da vida vivida.

A História Escolar ensina a pesquisar. Ela não se restringe a uma narrativa sobre o que aconteceu. Ela oferece um conjunto de conhecimentos necessários à compreensão da vida em sociedade e da sua interpretação. A História Escolar ensina que os *textos* são construídos por pessoas que empregam, neles, suas impressões da vida e suas intenções. Eles são resultado de circunstâncias que interferem em sua composição. Por isso, a História Escolar ensina que a curiosidade e o questionamento são fundamentos da produção de conhecimento. Conhecer a autoria dos *textos*, as intenções subjacentes a sua produção, os significados possíveis no momento em que o *texto* foi produzido e divulgado são aprendizagens que a História Escolar promove.

A História Escolar ensina a pensar historicamente. Aprender história não significa, necessariamente, ter domínio sobre a ordem dos eventos, de modo a ser capaz de reconhecer narrativas sobre o passado. Apesar das diferentes teorias acerca do modo pelo qual se aprende história, podemos apontar alguns pressupostos compartilhados que situam um modo de pensar que a História Escolar ensina.

Os/as historiadores/as formulam conhecimento a partir da análise de fontes documentais. Por meio desses *textos*, eles e elas perscrutam as diferentes vozes que conformam o espectro social pesquisado, suas maneiras de ver e pensar o mundo, seus interesses e objetivos. Reconhecer, pois, que as sociedades são demarcadas por uma gama de posicionamentos diversos e, eventualmente, conflitantes é um dos atributos do pensamento histórico.

Esses posicionamentos distintos e controversos informam as ações sociais, de modo que um evento reúne tantos significados quantos são os agentes históricos envolvidos. Os eventos não guardam um único significado. Eles expressam as tensões sociais do momento. Essas tensões resultam de interesses e projetos em disputa. Esses interesses e projetos estão expressos nos diversos textos e nas ações sociais em um dado momento. Inquirir os *textos* e as ações de modo a sopesar os interesses concorrentes é parte fundamental do pensamento histórico.

A inquirição, por sua vez, encaminha um outro aprendizado. Quando questionamos os *textos* e as ações sociais, considerando a diversidade constituinte de qualquer sociedade, percebemos relações entre grupos, discursos, posicionamentos e eventos. Os/as historiadores/as chamam isso de contextualização. A História Escolar ensina a contextualizar – ou seja, a perceber os eventos como resultantes das forças sociais em disputa. Essas forças se expressam nos textos e nas ações de uma dada sociedade em um determinado tempo.

A História Escolar ensina, então, um conjunto de conhecimentos que são fundamentais para a leitura do mundo. Ela não se limita a decifração de códigos – que fique claro! Ela demanda à interpretação dos textos, por meio da inquirição sistemática, e a consideração dos contextos, por meio do estabelecimento de relações. Assim, ela encaminha a formação de uma postura crítica, baseada na investigação que busca desvendar intenções e projetos subjacentes aos *textos* e ações sociais. Ao promover essas aprendizagens, a História Escolar encaminha e aprimora a capacidade de ler e de apreender sentido.

Saber ler, inquirir, relacionar, analisar e interpretar é condição para que a pessoa alcance seu pleno desenvolvimento. É por meio dessas operações que crianças, adolescentes e adultos inseridos na Educação Básica e em contato com a História Escolar desenvolvem capacidades que lhes serão fundamentais na vida – em todas as suas dimensões. A História Escolar não ensina ofício ou profissão, nem encaminha para emprego, mas ensina atributos fundamentais para que qualquer cidadão tenha condições de participar do mundo do trabalho. Afinal de contas, é lendo, inquirindo, relacionando, analisando e interpretando que tomamos todas as decisões que demarcam nossas vidas. É por meio da leitura, da inquirição, do estabelecimento de relações, da elaboração de análises e de interpretações que definimos nossa inserção no mundo do trabalho e que exercemos, nele, as funções que nos são atribuídas.

Por isso, a História Escolar participa de modo tão ativo na formação para a cidadania. A História Escolar é uma disciplina com potencial subversivo! Quem sabe ler, inquirir, relacionar, analisar e interpretar pode criticar a memória, duvidar de narrativas, inquirir mitos, desvendar interesses e relacionar dados, pessoas, eventos de modo a construir interpretações sobre as coisas com as quais nos

deparamos – no passado e no presente. Por isso, ela é fundamental para os projetos de futuro!

O livro que tenho a alegria de prefaciar se volta para a História Escolar. E o faz de modo muito apropriado. Não se trata de um rol de novos conteúdos ou métodos a serem incorporados por professores e professoras da Educação Básica, como um apanágio da melhoria da Educação ou da resolução dos desafios que os professores e professoras de História enfrentam cotidianamente. O livro reúne reflexões que permitem aos docentes interessados o cumprimento das potencialidades da História Ensinada.

Os autores deste livro oferecem análises históricas acerca de sujeitos e processos, por meio do recurso a fontes e sujeitos diversos. Iconografias, registros civis, tabelas, mapas, glossários e inventários são suportes para análises sobre trajetórias de sujeitos em variados processos da vida amazônica. O livro oferece documentos, aponta como eles foram analisados e sugere encaminhamentos didáticos a serem desenvolvidos nas salas de aula. Ao disponibilizar *textos* e encaminhar procedimentos de leitura, os autores contribuem para a configuração da aula de história como um espaço de ação e não de contemplação. Eles contribuem para a compreensão da História Escolar como um espaço que se volta para o futuro – para a formação de crianças, adolescentes e adultos inseridos em seu tempo que, por meio de suas escolhas, leituras, decisões, conformam a sociedade em que estão inseridos e desenham projetos de futuro.

Os textos se voltam para História da Amazônia em três momentos – a Colônia, o Império e a República. Por meio da análise das relações de trabalho, das conformações familiares, dos processos migratórios e do trato da saúde, os autores redimensionam o olhar sobre a História do Brasil. Menos que um processo construído desde um centro irradiador, ela é vista como um mosaico de vivências relacionadas. A História da Amazônia é a História do Brasil, desde o Norte, com seus ritmos, inconstâncias, sobressaltos, curvas, conflitos e tensões.

Diante de uma tradição disciplinar que percebe a História do Brasil como tudo o que ocorre no Centro-Sul do país, a contribuição não é pequena e a provocação não é de somenos importância. Lavra de jovens pesquisadores, inseridos na Universidade Federal do Oeste do Pará, o livro é resultado de um esforço de estabelecer a pesquisa e

a produção de conhecimento histórico desde o coração da Amazônia. Como verão aqueles que se aventurarem na leitura, os resultados são mais que promissores!

Finalmente, o livro é um aceno ao futuro, pois no momento mesmo em que a História Escolar atravessa uma crise – tendo sua importância e seu potencial questionados – o livro evidencia a existência de espaços criativos e comprometidos não apenas com a pesquisa histórica, mas com a construção do saber histórico escolar. São jovens historiadores e historiadoras que enfrentam a complexidade do desafio colocado para os cursos de formação de professores de história, por meio da reflexão sobre as interfaces que demarcam a História Escolar. Eles reiteram a capacidade renovadora da História Escolar e seu compromisso com o futuro!

Obrigado pelo socorro!

**Mauro Cezar Coelho**  
Universidade Federal do Pará